

MULHERIO

Ano 1 n° 1

maio/junho

Cr\$ 50,00

FUNDO CEMAP
LP P.2/155

MAMMA MIA!

Nas páginas 8 e 9, Carmen Barroso e Inês Castilho escrevem sobre maternidade; nas páginas 12 e 13, indicações de leituras; na página 3, a violência contra a mulher e as atividades do SOS; na página 15, a vida de uma família em que o trabalho doméstico é exercido por todos.

MARTINS - AG. F/4





Nosso recado

Era apenas um folheto, despretenso, anunciando o lançamento de um jornal. Mas a repercussão que o número zero de *Mulherio* alcançou surpreendeu-nos, como o demonstrar que a mulher brasileira precisa realmente de um veículo de comunicação que divulgue suas coisas de uma forma nova, nossa. Recebemos cartas de várias partes do País — de Morrinhos, em Goiás, a Marauá, no Rio Grande do Sul; de Penápolis, em São Paulo, a Andirá, no Paraná. E de leitores tão variados quanto o radialista do interior interessado em falar de mulher em seu programa diário ou a estudante secundarista de São Paulo até pessoas que há muito tempo se preocupam com a questão feminina, como Marly Cardone, Maria José Werebe, Lia Fukui, Renata Pallotini, Maurício Tratenberg, Edla Van Steen e Lígia Fogundes Telles. Até meados de abril, quando fechávamos esta edição, recebemos mais de 200 cartas, a maioria com sugestões e dicas valiosas, que estão anotadas e serão seguidas na medida do possível. Mas a dimensão de nossa possibilidade também depende de você: esperamos, agora, que seu apelo se transforme em um número maior de assinaturas — essenciais para que possamos manter o jornal, melhorar sua qualidade e, quem sabe, aumentar o número de páginas ou a sua periodicidade.

Adélia Borges

MULHERIO

Conselho Editorial

Carmen Barraso, Carmen da Silva, Cristina Bruschini, Elizabeth Souza Labo, Eva Alterman Blay, Fúlvio Rosemberg, Helelieth Saffioti, Lélia Gonzalez, Maria Carneiro da Cunha, Maria Malta Campas, Maria Moraes, Maria Rita Kehl, Maria Valéria Junho Pena, Marília de Andrade, Mariza Carrea e Ruth Cardoso.

Redação

Adélia Borges e Fúlvio Rosemberg (edição), Marlene Rodrigues (edição de arte), Mari (ilustração) e Miriam Tanus (encarregada de assinaturas). Além das pessoas que assinam matérias e das integrantes da conselha, também colaboraram nesta edição: Danda Prado, Fernanda Baroni, Jussara Ancano Lopes, Laila Tapajós, Lida Beck, Leny Silverstein, Marília Ribeiro, Mirisa Figueiredo, Raquel Moreno, Regina Ferrandis e Walnice Galvão.

Jornalista responsável

Adélia Borges — Registro no MTB nº 10.680 — SJESP/4549.

Mulherio é uma publicação bimestral. Aceita colaborações. É livre a transcrição de suas matérias, mas pede-se que seja citada a fonte e, sempre que possível, nos seja enviado uma cópia da reprodução. Pede-se permissão com outras publicações do gênero.

Redação: Fundação Carlos Chagas, Av. Prof. Francisco Morato, 1.565, CEP 05513, São Paulo, fone 211.4511.
Composição e impressão: S/A O Estado de S. Paulo, Av. Eng.曹stano Alves, 55, São Paulo.

Assinaturas

A assinatura anual (seis números) de *Mulherio* custa Cr\$ 300,00, e deve ser pedida por carta à Redação (veja endereço no expediente). Anexe um cheque nominal ou vale postal em nome de Fundação Carlos Chagas e relacione seu nome, endereço completo, profissão e telefone.

As reações do lançamento de *Mulherio*

O lançamento de *Mulherio* muito nos alegrou, já que estamos desenvolvendo na nossa região um trabalho junto às mulheres lavradoras e também das periferias da cidade. Temos também um trabalho com um grupo de lavadeiras, além de um programa especial na rádio local. Por intermédio deste novo jornal, poderíamos nos inteirar do movimento de organização das mulheres em outras regiões do Brasil. Em Conceição do Araguaia tivemos nosso primeiro encontro de Mulheres em setembro de 1980. Neste ano, em Cameté, foi realizado o primeiro encontro de mulheres da região tocantina.

Grupo de Mulheres da Região de Conceição do Araguaia, PA.

Interessa-me de forma especial vossa *Mulherio*, pois mantenho um programa de rádio que já há alguns anos tem como destaque principal a mulher. Solicito o envio regular do jornal mediante a promessa de focalizá-lo inteiramente, porque deduzi da leitura do que tenho em mãos que seus artigos são do interesse da mulher e me proponho a ser um intermediário entre o *Mulherio* e o *mulherio* daqui.

Dary Schaeffer, Rádio Difusão Sul Rio-grandense, Erechim, RS

Desejo que *Mulherio* consiga, em curto espaço de tempo, atingir seus objetivos, que são também os nossos: conscientizar o povo — homens, mulheres e até crianças — para que os seus direitos sejam conquistados através de sua luta esclarecida.

Lia Junqueira, presidente do Movimento em Defesa do Menor, São Paulo.

Através de uma funcionária desta Secretaria, conseguimos o número zero do jornal "*Mulherio*", que será de grande valia para o público feminino que frequenta a Biblioteca Pública Municipal. Se possível, gostaríamos de recebê-lo periodicamente. Atenciosamente.

Cícero Antônio Alves, Secretário de Cultura e Turismo, Juazeiro do Norte, CE

Nós, do jornal *Corrente*, radicados aqui neste sofrido interior mineiro, cumprimentamos a todas vocês pela criação do jornal *Mulherio*, ao qual auguramos vida longa e próspera, e nos propomos a divulgar seu jornal e a lutar pelos direitos humanos, hoje tão vilipendiados.

José Carlos Costa, diretor do *Corrente*, Pira-pora, MG

Sou mulher, sim!

Ajeito meu corpo,/ Disciplino minha vontade,/ Relaxo meus músculos/ E descanso minhas revoltas.../ É meu momento de conquista,/ É meu momento de equilíbrio./ Percebo as ciladas,/ Respondo aos disparos,/ Falo alto minhas verdades/ E acerto meu passo.../ É meu momento de paz/ E de emoção intensa./ Meu tempo de espera passou./ Sou mulher, sim!

Maria Tereza Rodrigues de Mello, Sobradinho, DF.

Sou mulher e nunca me arrependi. Mesmo quando apanhava de cinta de meu pai, quando mandada pelo marido, quando não tinha brecha pra pensar. E até quando julgada por filho.

Nunca me arrependi porque saí de todas as enrascadas desse tipo fazendo figa pra cada uma. E jogando por cima do ombro pra trás feito sal contra azar. Hoje sou desquitada, moro sozinha, me acompanho de quem me agrada, como/bebo/durmo às custas de meu ordenado e perdi o complexo de avestruz, não escondo minha capacidade de pensar, de viver, de julgar, de porticipar, de lutar. Por isso o jornal *Mulherio* me agradou. Afinal, não sou daquelas feministas que levantam sutiã na vara, mas aprecio uma luta bem colocada. Se tribos há, por que não termos uma pra enfrentar flechadas? E ferro no bonco quando der a costumeira de opressor.

Dinerath do Valle, jornalista, São José do Rio Preto, SP

Desde Getúlio Vargas

Nas reuniões da diretoria da Associação Brasileira de Mulheres Universitárias e Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, tomei conhecimento de *Mulherio*. Há muitos anos luto pelas justas reivindicações femininas, fazendo número nas audiências em 1931 com Getúlio Vargas, de que resultou o direito de voto para todas as mulheres em 1934. Mais tarde, como presidente da Associação Brasileira de Mulheres Universitárias, reforcei a luta pela reforma do Código Civil, da qual resultou a Lei nº 4.121, de 1962, e posteriormente a luta pela revogação da discriminação contra a mulher no serviço público, resultando na Lei nº 5.473, de 1968. Ainda há muito a fazer, mas, juntas e contando com elementos de gabarito como vocês, tenho certeza de que dentro de muito pouco tempo alcançaremos a meta que almejamos.

Zélia Pinho Rezende, Rio de Janeiro, RJ

Uma proposta: mudar o nome do jornal

Um jornal como esse, com esses objetivos, entusiasmo. O número zero criou uma expectativa muito saudável em relação aos próximos números. Mas o nome do jornal é horroroso. *Mulherio* não é uma palavra quase sempre empregada com sentido pejorativo, ela é sempre empregada assim. É uma palavra do mundo masculino para indicar um conjunto de mulheres potencialmente à disposição dos homens. Juntamente com *mulherada*, é uma palavra há muito banida do vocabulário de muitas mulheres que já se deram conta do poder das palavras. Diante das palavras depreciativas, podemos tomar uma atitude reformista — "vamos pegar essa palavra do passado, carregada de desprezo, e gastar energia em melhorá-la, fentar dar-lhe um novo significado". Mas o mais desejável é criar outras formas de expressar as novas realidades que estamos criando. Não é por acaso que as feministas de língua inglesa usam as palavras *sisterhood* (algo como o feminino de fraternidade) e *womankind* (algo como o feminino de humanidade). Não é por acaso que a inglesa Penelope Leach escreve um livro sobre educação de crianças no feminino: como trocar fraldas de sua filha, como amamentá-la. Uma coisa nova não pode ter um nome velho, ainda mais um nome conchado e usado pelo opressor. Assim, nossa proposta é de que o nome do jornal seja mudado.

Maria Otília Bechini, Cecília Asciutti, Gisela Eckschmidt e Hilda Aiençar Gil, SP.

Mulherio é, sem dúvida, um nome controverso. Muitas pessoas nos procuraram para dizer que gostaram muito do nome; outras, como vocês, o criticam. Mas a argumentação de vocês é importante — e ela fica registrada aqui para o início de um debate entre nossas leitoras e leitores.

VIOLENCIA

SOS MULHER



SAMUEL IAVELBERG

Nas ruas, o protesto contra os assassinatos

O SOS-Mulher foi fundado em outubro de 80, por integrantes de diversos grupos feministas de São Paulo. Neste curto período de existência, ele firmou-se como uma entidade conhecida e respeitada por sua ação efetiva contra a violência dirigida às mulheres.

Maria Otília Bochini

— Alô, é do SOS-Mulher? Dá pra vocês virem aqui agora? Meu vizinho está batendo na mulher dele e eu estou tão nervosa que não sei o que fazer...

— Mas eu não posso ir aí no SOS, se ele souber que eu fui aí, ele me bate mais ainda...

— Meu marido me pôs prá fora do barraco, ele tava bêbado e o médico falou prá mim não dormir com ele até o mês que vem. Aí eu acho que nessa noite... eu fui prá vizinha... eu acho que ele... eu tenho uma menina de 5 anos... Eu acho que ele mexeu com a menina.

Desde quando o SOS começou a funcionar, o telefone 813.9520 não parou de tocar e de trazer para dentro da modesta sala alugada em Pinheiros, zona oeste de São Paulo, as várias formas de violência contra as mulheres. Violências que acabam dando tons dramáticos aos plantões noturnos (de segunda a sexta, entre 19 e 22 horas) e diurnos (às terças e quintas à tarde) muito procurados por mulheres que vão até lá enquanto seus maridos espancadores estão no trabalho.

A ampla divulgação do trabalho da entidade pelos jornais, rádios e tevê tem levado grande número de mulheres a procurar o SOS. Mas é claro que ele não tem um esquadrão de "mulheres-maravilha" para ir correndo atender uma mulher que está sendo surrada. O que se pode fazer, sem cair numa atitude assistencialista, é convidar as mulheres a debater e discutir seus problemas, fazendo-as ver que podem sair da situação de dominação em que se encontram.

O SOS apóia-se totalmente em trabalho voluntário. Várias mulheres, de diversas profissões, integrantes ou não de grupos feministas, dão algumas horas de seu tempo para participar dos plantões de atendimento. Nas terças-feiras à noite, elas se reúnem para avaliar o trabalho e refletir sobre a violência.

Além das plantonistas, há inúmeras pessoas que colocaram seus serviços à disposição sempre que há necessidade. Advogadas interessadas na questão dos direitos da mulher têm auxiliado a respon-

der questões frequentes, do tipo: "Como eu faço para dar queixa contra meu marido?" ou "Se eu sair de casa quando ele me bate, eu perco os filhos?". Psicólogas têm prestado grande contribuição à compreensão da violência em si e dos mecanismos que estão por trás dela. Médicas têm atendido gratuitamente grande número de casos, como o da garotinha estuprada pelo pai. Além desses profissionais há pessoas que prestam outros tipos de auxílio — o artista plástico famoso que cria um cartaz, as pessoas que vendem os cartazes para angariar fundos (quase sempre insuficientes para cobrir as despesas com o aluguel da sala e a conta do telefone), a empresa que oferece serviços gráficos.

Durante os primeiros seis meses de sua existência, o SOS foi um grupo informal de estrutura não autoritária. Diante da necessidade de transformar-se numa entidade legalmente reconhecida para, entre outras coisas, poder receber fundos de outras associações, no início de abril suas integrantes elegeram uma diretoria e elaboraram um estatuto e uma carta de princípios. Esses documentos serão importantes na formação de novos SOS com grupos de

mulheres de outros bairros de São Paulo, outras cidades e outros Estados. E eles continuam garantindo à entidade uma estrutura interna não autoritária.

Na reunião realizada no início de abril, as integrantes do SOS discutiram também o conteúdo de seu trabalho e os riscos de se cair numa atividade puramente assistencialista. Decidiram, então, trabalhar não só no atendimento de casos concretos de violência, mas reforçar o trabalho de prevenção, que já vinha sendo desenvolvido de várias formas, como a edição e ampla distribuição de um caderninho pequeno, que se leva na bolsa, com o telefone do SOS e algumas sugestões para evitar as abordagens e ataques de homens nas ruas ou livrar-se de um ataque efetivo.

Mas a tarefa mais abrangente do SOS consiste em denunciar sistematicamente, incansavelmente, a violência também sistemática e incansável que se abate sobre as mulheres. E buscar caminhos que reduzam essa violência, seja conscientizando mulheres e homens da gravidade da questão, seja lutando para que cesse a impunidade que premia assassinos, estupradores e espancadores de mulheres.

Quem ama não mata!

Esse foi o grito das mulheres mineiras que explodiu pelos muros de Belo Horizonte em 1980, depois do assassinato de duas mulheres por seus maridos, inconformados com a idéia da separação. Em março deste ano, dois bárbaros assassinatos mobilizaram as mulheres do Rio e de São Paulo para uma ampla denúncia pública da violência cotidianamente dirigida contra as mulheres.

A 9 de março, no Rio, o ex-marido de Christel Arvid matou-a a tiros, cumprindo ameaças que vinha fazendo há tempos e contra as quais ela não conseguiu proteção eficaz da Justiça. Sob a organização de seis entidades feministas, as cariocas foram à missa de 7º dia de Christel e saíram às ruas para manifestar seu protesto, vestidas de branco e sob proteção policial, solicitada por elas face às ameaças anteriores do assassino.

Eliane de Grammont, 26 anos, foi assassinada a tiros em São Paulo, a 30 de

março, por seu ex-marido, Lindomar Castilho. A 4 de abril, após a missa, mais de mil mulheres percorreram o centro da cidade, desde a Igreja da Consolação até o cemitério do Araçá. O SOS-Mulher, principal entidade organizadora do protesto, recebeu vários telefonemas com ameaças até mesmo de explosão de bombas durante a marcha. Vestidas de negro, as manifestantes carregavam cartazes com os nomes das dezenas de mulheres assassinadas nos últimos dois anos. As faixas pediam justiça e denunciavam o silêncio como cúmplice. E as vozes cortadas de emoção repetiam: "Mulher não é propriedade", "Sem punição, mais mulheres morrerão", "Quem ama não mata".

O protesto ganha as ruas e levanta a voz, quer atingir a população, exige justiça. E espera a adesão de todos aqueles que não admitem mais a violência contra as mulheres.

mulheres em ação



Uma casa aberta para as nordestinas

BETH SALGUEIRO

"Esta Casa não é propriedade de um grupo ou de uma pessoa: ela é de todas nós, mulheres nordestinas" O lema da Casa da Mulher do Nordeste, fundada em agosto de 1980, em Recife, já dá uma idéia de seu funcionamento, congregando mulheres de diversas profissões, feministas ou não, em torno de atividades comuns.

Seus objetivos são bem amplos: estudar, pesquisar, discutir e divulgar problemas relacionados com a mulher; promover cursos, seminários e conferências; organizar ou participar de congressos regionais, nacionais e internacionais sobre a mulher e desenvolver trabalhos comunitários com grupos de mulheres, entre outros.

De agosto do ano passado até hoje, a Casa realizou debates, projeção de filmes, promoção de peças teatrais, exposição de fotografias e feiras de artesanato. Produziu um audiovisual, "Apenas o começo", sobre

as condições sociais da maternidade, e prepara outro sobre saúde da mulher. Ainda na área de documentação com imagens, planeja realizar um filme documentário sobre as maranhenses "quebradeiras de babaçu". Iniciou a montagem de um banco de dados e um arquivo fotográfico. E está elaborando um número especial da revista **Vidas Secas** sobre mulher, que deverá sair em julho.

Algumas dessas atividades foram desenvolvidas em conjunto com os três grupos feministas do Recife (Ação Mulher, Brasil Mulher e Mulher do Nordeste) e outras separadamente.

A Casa foi fundada por seis mulheres que saíram do grupo Ação Mulher para fundar o Mulher do Nordeste. Uma delas, Helena Pessoa, diz hoje que "a organização da Casa da Mulher é um exemplo prático do nível de amadurecimento, entendimento e eficiência a que podem chegar os grupos de mulheres dentro do movimento feminista".

A parte financeira do empreendimento foi assumida por Helena, pesquisadora social, e Conceição Pinheiro Gomes, socióloga e agente fiscal, as únicas com emprego fixo. De seus salários próprios, elas retiram o correspondente a 80% da despesa mensal de manutenção da Casa. Os demais recursos vêm do Artesanato Araçá (17,5%), um grupo de donas-de-casa e trabalhadoras rurais de São Lourenço da Mata que têm seu escritório de representação e exposição dos trabalhos em uma das salas da Casa; e do grupo Mulher do Nordeste (2,5%), que também funciona ali.

Mas esse é um esquema financeiro provisório. A Casa foi estruturada para funcionar como instituição voltada à promoção social das mulheres, devendo dessa forma ser considerada de utilidade pública, o que abre perspectivas de outras fontes de recursos. O que ela pretende assegurar, principalmente, é um espaço de trabalho a ser ocupado por qualquer mulher que queira ser uma de suas colaboradoras.

Notas

CONQUISTAS EM GOIÂNIA

Apesar de existir formalmente há pouco tempo (desde março), o Grupo Feminista de Estudos de Goiânia já conseguiu uma vitória incomum: um espaço regular para a questão do feminismo nas páginas do jornal de maior circulação do Estado, Diário da Manhã. Para o novo grupo convergiram mulheres de diversas origens, quase todas ex-participantes de outros grupos. Elas se propõem ao estudo e reflexão sobre a condição feminina, à realização de pesquisas, à promoção de debates públicos e à publicação mensal de um boletim sobre o movimento das mulheres.

CASA DA MULHER

A Frente de Mulheres Feministas de São Paulo inaugurará em maio, em data ainda a ser anunciada, a Casa da Mulher Paulista, na rua Almirante Marques Leão, nº 807, Bela Vista. Ela estará aberta a todos os grupos feministas da

cidade e pretende ser um centro de informações sobre os problemas da mulher, com a realização de cursos, debates e publicações.

HOMENS EM AÇÃO

Na esteira das manifestações contra o assassinato de Eliane de Grammont por Lindomar Castilho, uma importante iniciativa foi tomada em São Paulo: a criação do "Grupo masculino de apoio à luta das mulheres". Participam do grupo escritores, jornalistas e intelectuais de formação variada, interessados em "trabalhar juntos por uma sociedade na qual mulheres e homens sejam igualmente livres". O grupo divulgou um "manifesto contra a barbárie", no qual expressa "repúdio frontal à desabusada invocação do tabu da 'honra masculina' para justificar" os assassinatos de mulheres, "considerando que cabe à mulher o mesmo direito que ao homem de tomar decisões sobre suas vidas. Entendemos que as relações afetivos homem-mulher são também relações de poder. A morte do outro, o homicídio do outro não lava nem suja a honra de ninguém. A honra da pessoa reside nela própria e não no outro".

SIMPÓSIO EM CAMPINAS

Os antropólogos da Universidade Estadual de Campinas vão reunir-se nos dias 28 e 29 de maio com especialistas de outras áreas das ciências humanas para discutir, entre outros temas, "A construção social e política da sexualidade". Maiores informações pelo telefone (0192) 39.1301, ramal 368.

PROCURA-SE UMA ADVOGADA

As advogadas Florisa Verucci e Leny Rodrigues estão procurando mais uma sócia para partilhar "os ideais e os ônus" de seu trabalho: um escritório de advocacia que liga a questão do direito à questão humana e mais particularmente à questão da mulher, um escritório em que a cliente não é vista como mais um caso, mas como uma mulher necessitando de orientação e de apoio emocional. O escritório foi aberto no ano passado e, além de atendimento jurídico para questões femininas, pretende iniciar uma série de cursos de esclarecimento sobre a legislação, pois "é espantosa a falta de conhecimento da mulher sobre as questões mais cotidianas do cotidiano jurídico

em que estão inseridas". Florisa e Leny também atendem casos encaminhados pelo SOS-Mulher e acham que as advogadas, de um modo geral, deveriam se conscientizar da necessidade de atenderem mensalmente uma cota de casos gratuitos em seus escritórios. Quem tiver interesse em se associar a Florisa e Leny deve procurá-las à rua 7 de abril, 261, conj. 902 a 904, fone 255-2717, São Paulo.

NICARAGÜENSES EM SP

Na segunda quinzena de maio será realizada em São Paulo, no Teatro Ruth Escobar, a Semana de Solidariedade à América Central. Durante a semana, haverá uma conferência de uma comandante da Frente Sandinista, da Nicarágua, convidada pela atriz e empresária Ruth Escobar, que visitou este país em março. A dirigente nicaragüense falará especialmente sobre a participação das mulheres na libertação de seu país da ditadura de Somoza, pois, segundo os atuais governantes, eles jamais teriam chegado à vitória sem a adesão maciça das mulheres à luta armada. Na ocasião, serão exibidos filmes que documentam essa participação.

No Rio, APEM promove seminários e exposições

mulheres em ação



O Rio tem um novo e ativo grupo de mulheres: a Associação de Pesquisas e Estudos da Mulher (APEM), criada em dezembro do ano passado com o objetivo de promover discussões, debates e atividades múltiplas visando uma melhor compreensão da realidade vivida pelas mulheres. Embora não seja moldada para a militância feminista, a Associação considera-se fruto do movimento de mulheres, "podendo e devendo ser um instrumento importante na luta por sua libertação".

A APEM está aberta a qualquer mulher; "acadêmica ou não, militante feminista ou não, interessada em discutir e compreender sua própria realidade", seja dona-de-casa, economista, educadora, enfermeira, jornalista, psicóloga ou qualquer outra profissional.

Em seus poucos meses de existência, a Associação já promoveu um debate, conduzido pela psicanalista Suzana Pravaz, sobre construção da identidade feminina e seus modelos na representação mítica: Hera, a doméstica mulher de Zeus; Athenéia, a combativa protetora das artes e ciências, nascida da cabeça de seu pai; e Afrodite, a deusa da beleza e da sensualidade, nascida nos mares e carente de mãe. Foram realizados debates também sobre a questão da sexualidade no filme "O Império dos Sentidos" e sobre a política do planejamento familiar em prática no Brasil.

Em comemoração ao Dia Internacional da Mulher, o grupo realizou uma mostra

artística de pinturas de Lúcia Avancini, desenhos de Guida Pamplona e fotografias de Marisa Figueiredo, todas tendo a mulher como tema. Foram exibidos ainda dois filmes curta-metragem — um sobre o 8 de março em Paris no ano passado, outro sobre a marcha das 100 mil mulheres francesas pela livre concepção e direito ao aborto.

Em apoio ao trabalho de suas sócias, a APEM está co-patrocinando com várias editoras o lançamento de livros sobre a questão feminina. Já foram lançados "Ideologia e feminismo — A luta da mulher pelo voto no Brasil", de Branca Moreira Alves, com a editora Vozes; "Tempo de mudança no Nordeste", de Neuma Aguiar, com a Vozes e o Laboratório de Estudos Operários do IUPERJ; "Cícera, um destino de mulher", de Cícera Fernandes de Oliveira e Danda Prado, com a Editora Brasiliense e o Coletivo de Mulheres do Rio de Janeiro; e "Três estilos de mulher, a doméstica, a sensual, a combativa", de Suzana Pravaz, com a Editora Paz e Terra. Novos livros devem ser lançados este ano, com a Editora Paz e Terra: "Porto vermelho", de Ingrid Sarti; e "Mulheres trabalhadoras: presença feminina na constituição do sistema fabril", de Maria Valéria Junho Pena.

Agora, comissões formadas na Associação estão delineando um projeto de boletim informativo para a mulher do Rio de Janeiro; uma política de pesquisas e estudos; e a programação de seminários e debates deste ano.

**"Não entres
docilmente
nesta noite
sombria
Luta,
luta contra
o amortecer
da luz."**

**Jane Rachkovsky, 30 anos,
uma filha, feminista,
morreu no fim de março.**

**Companheira das primeiras
lutas das mulheres de São Paulo,
Jane foi presidente do ato
de comemoração do 8 de março
em 1977, participou da
fundação do jornal
Nós Mulheres
e da organização dos três
congressos da mulher paulista.**

**Ultimamente, Jane estava na
Associação das Mulheres,
onde era responsável pelos
projetos de publicação de
cadernos e,
mais
recentemente,
pelos trabalhos de divulgação
da questão feminina na
periferia de São Paulo.**

**Nestes breves anos de nossa
história, Jane deu cursos,
fez conferências e realizou
uma pesquisa sobre os clubes
de mães em Osasco.**

**Perdemos Jane militante das
grandes campanhas, perdemos
Jane companheira solidária
no cotidiano onde se desenrolam
nossas mais duras lutas.**

**A Jane incansável, que ria
quando a doença já a levava,
e nós não conseguimos
mais rir.**

**Como Simone de Beauvoir,
ao narrar a morte de sua amiga
Zazá, diríamos: "Juntas
lutamos contra o destino de
opressão que nos estreitava,
e por muito tempo ainda
pensaremos que pagamos nossas
vitórias com sua morte."
Jane, militante feminista,
era uma de nós.**

Endereços

Estamos crescendo. Em cada canto do país estão surgindo novos grupos de mulheres. Nesta seção publicaremos o endereço desses grupos, para responder à necessidade de cada vez maior de ampliar a solidariedade entre mulheres. Por falta de espaço, não poderemos publicar todos os endereços de uma só vez, e a lista será completada e ampliada à medida que recebermos novas indicações.

RIO DE JANEIRO

- Centro da Mulher Brasileira - Av. Franklin Roosevelt, 34, s/ 713, Castelo, Cep 20000, fone 242.3147.
- Coletivo de Mulheres - Caixa Postal 33114 - Cep 20000.
- APEM-RJ - Rua da Matriz, 82, Cep 22260.
- Federação Brasileira pelo Progresso Feminino - R. Belfort Roxo, 371, apto. 802 Cep 22020.
- Sociedade Brasil Mulher - Av. Rui Barbosa, 762, Cep 20000.
- Grupo Feminista do Rio- Rua Debret, 23, sala 1316, Dep 20030.
- Conselho Nacional de Mulheres do Brasil - Rua Barato Ribeiro, 539, apto. 201, Copacabana, Cep 20000.

BELO HORIZONTE

- Centro dos Direitos da Mulher, av. Álvares Cabral, 400, CEP 30000.
- Centro de Defesa dos Direitos da Mulher, R. Guaxupé, 304, apto. 7, Serra, CEP 30000.

SALVADOR

- Brasil Mulher, R. Visconde de Itaboraí, Ed. vice Rei, 302, Amaralina, CEP 40000, Salvador

- APEM - BA - R. Professor Severo Pessoa, 45, apto. 31 CEP 40000, Salvador.

- MML Salvador - Rua das Margaridas, Condomínio Dan Valter, Bloco C, Pirituba, CEP 40000, Salvador.

RECIFE

- Casa da Mulher do Nordeste - R. Dom João de Souza, 93, Madalena, CEP 50000, fone 228-3319
- Brasil Mulher - o mesmo anterior.
- Grupo Mulher do Nordeste - o mesmo anterior.
- Ação Mulher - R. Compositor Antônia Maria, 58 - Boa Vista, CEP 50000.
- Comitê da Mulher Universitária - R. José Paranguá, 515 - CEP 50000
- Comitê da Mulher Operária - o mesmo anterior
- Comitê da Mulher da Campo - R. José de Alencar, 456, Boa Vista, CEP 50000.

AMAZÔNIA

- Associação de Mulheres de Mato Grosso — R. Baltazar Navarro 231 - B. Bandeirantes - CEP 78000; MN.
- Grupo de Mulheres de Conceição do Araguaia — Movimento de Educação de Base — Travessa Irmã Maria Otávia S/Nº — CEP 68540 — Conceição do Araguaia, PA.
- Grupo de Mulheres de Rio Maria — Paróquia de Rio Maria — Travessa Irmã Maria Otávia S/Nº — CEP 68540 — Conceição do Araguaia, PA.
- Grupo de Mulheres de Xinguara — Paróquia de Xinguara — CEP 68540 — Conceição do Araguaia, PA.
- Movimento de Educação de Base — Caixa Postal 80 — CEP 68500 — Marabá, PA.
- Grupo de Mulheres da Região Tocantina — Praça Joaquim Siqueira 102 — CEP: 68400 — Cametá, PA.
- Grupo de Mulheres da Região de São Geraldo — Paróquia de São Geraldo — CEP 77820 — Xambioá, 60.

8 DE MARÇO

As comemorações do 8 de março — Dia Internacional da Mulher — em todo o Brasil, foram marcadas por uma grande expansão do movimento de mulheres no país e também por tentativas de grupos político-partidários de controlar e encampar em seu próprio proveito a capacidade de mobilização já demonstrada pelo movimento.

Cristina Villares



Praça da Sé, São Paulo, Dia Internacional da Mulher

María Carmelo da Cunha

As atenções voltaram-se mais para o 3º Congresso da Mulher Paulista, não só por ser o evento de maior envergadura, mas também porque nele se acirraram as posições antes mesmo da realização do Congresso, que se acabou dividindo em dois encontros diferentes. O primeiro foi realizado no Tuca, que reuniu 300 delegadas, representando seis mil mulheres de todo o Estado. O segundo foi realizado no Estádio do Pacaembu por mulheres identificadas com a linha do jornal "Hora do Povo" e setores sindicais que lhe estão próximos, que não aceitam a autonomia do movimento de mulheres.

As opiniões divergiram quanto aos resultados do congresso no Tuca. Muitas feministas consideraram que as bandeiras, votadas por consenso, são tímidas e pouco ou quase nada avançaram em comparação com o ano passado. Julgaram que, sob o aspecto político mais amplo, a sua própria realização em meio a muitas dificuldades já foi uma vitória. Consideraram também que este 3º Congresso deixou bem clara a necessidade da autonomia do movimento de mulheres e mostrou sua disposição para não se deixar diluir ou dividir por grupos políticos.

Há também grupos feministas que questionam a própria realização de congressos desse tipo, pois acham que eles acabam desembocando numa imitação dos modelos machistas de disputa de poder. Essas correntes consideram que as feministas devem centralizar sua ação na modificação das relações no cotidiano, dentro do que certos psicólogos definiram como "revolução molecular". Isso supõe, entretanto, um nível de conscientização bastante desenvolvido que, se já foi atingido por um certo número de mulheres da elite intelectual, está ainda bem longe de se estender à realidade brasileira como um todo. Por isso, há finalmente as que consideram que as mulheres e sobretudo as feministas devem diversificar sua luta em todas as frentes, sem privilegiar o psicológico ou o político, mas procurando ocupar espaços em todas as

esferas, para poder modificar as estruturas existentes.

As divergências que ocorreram em São Paulo, repetiram-se em outros Estados. No Rio, as comemorações se realizaram no Sindicato de Metalúrgicos, com o predomínio das facções políticas sindicais e estudantis, em detrimento das organizações de mulheres. A mesa privilegiou as questões gerais como a carestia e o controle da natalidade, e não aquelas mais ligadas à situação da mulher. As feministas encontraram dificuldades para se manifestar e uma encenação sobre o problema da violência, a cargo do Grupo do Teatro do Oprimido foi impedida de continuar. Tudo isso provocou o protesto dos movimentos feministas do Rio, para os quais o encontro foi inteiramente manipulado.

No Recife, os grupos Ação Mulher, Mulher do Nordeste e Brasil Mulher optaram por não participar do 2º Encontro de Mulheres de Pernambuco, dominado por elementos do PMDB, por discordarem fundamentalmente da pauta proposta, que não se referia aos problemas específicos das mulheres. Duas feministas que procuraram entrar no encontro foram agredidas.

Em Porto Alegre, também se realizaram dois encontros: um na Assembléia Legislativa, de iniciativa da corrente da "Hora do Povo", que reuniu cerca de 100 mulheres, quase todas trazidas em ônibus fretados. Os grupos feministas se reuniram no Colégio do Rosário, onde compareceram aproximadamente 400 mulheres, para discutir suas questões específicas.

Encontros unitários

Em Curitiba e em Belo Horizonte, houve encontros unitários. O 2º Encontro da Mulher Mineira teve o apoio do PT, do PMDB, de entidades estudantis e sindicais e do Centro de Defesa dos Direitos da Mulher de Belo Horizonte. Tratou-se muito mais, entretanto, de questões gerais.

Em Fortaleza, a União de Mulheres Cearenses realizou no Colégio Oliveira Paiva o 2º Encontro da Mulher Cearense,

que foi marcado por um incidente, ao se descobrir que, entre as pessoas presentes, havia quatro agentes femininas da Polícia Federal. Elas foram forçadas a abandonar o recinto por pressão da maioria e, em consequência, várias mulheres receberam intimações para comparecer à sede da Polícia Federal no Ceará, a fim de prestarem esclarecimentos. A primeira a ser chamada foi a deputada estadual pelo PMDB Maria Luíza Fontenelle, que se negou a comparecer, invocando suas imunidades parlamentares. O fato provocou diversos protestos, pois se caracterizou nitidamente como uma tentativa de intimidação em relação ao movimento de mulheres, que conquistou uma grande penetração entre os setores populares.

Ainda no Nordeste, o Centro da Mulher de João Pessoa realizou uma série de debates e de espetáculos de teatro de 8 a 12 de março, além de dar entrevistas aos meios de comunicação sobre o significado do Dia Internacional da Mulher.

Em Brasília, realizou-se um encontro regional com a presença da jornalista Irene Cardoso da "Folha de S. Paulo". Estavam representados o grupo Brasília Mulher do Distrito Federal, a Associação de Mulheres de Goiânia e o Movimento de Mulheres de Campo Grande, todos de organização recente.

Em Florianópolis, a comemoração foi feita a 13 de março, com um debate sobre a situação da mulher na Câmara Municipal, organizado pelo comitê do Movimento de Mulheres Catarinenses. Grupos feministas que não integram o comitê preferiram limitar sua atuação a entrevistas à imprensa sobre o tema do feminismo.

Por esse relato sucinto e provavelmente incompleto, já que não chegaram a tempo todos os informes que solicitamos, é possível verificar a amplitude e penetração dos diversos movimentos de mulheres em todo o Brasil, que provavelmente não restringirão sua atuação às comemorações do 8 de março, mas a estenderão por todo o ano.

Agradecemos as informações fornecidas pela União de Mulheres Cearenses, por Diva de Múcio Telxela, do Rio, Beth Salgueiro, do Recife, e Júlia Guivant, de Florianópolis.



Alaide Foppa: desaparecida. Guatemala, 19/12/1980

Catherine Tinker

Desde o Natal do ano passado, organizações feministas e entidades que lutam pelos direitos humanos no mundo todo exigem uma resposta do governo da Guatemala a respeito do desaparecimento da líder feminista Alaíde Foppa. Exilada desde 1954 no México, Alaíde voltou à Guatemala em dezembro de 80 para visitar a mãe doente. No dia 19, uma sexta-feira, deixou a casa materna conduzida por um motorista e nunca mais voltou. Actúm Shiroy, o motorista, também desapareceu. O governo — como costuma ocorrer em todos os casos de “desaparecimentos” de militantes políticos na América Latina — nega conhecer o paradeiro de Alaíde e não aceita qualquer responsabilidade por seu desaparecimento. No entanto, segundo informações obtidas pelo Comitê Internacional pela Vida de Alaíde Foppa, criado no México, agentes do Serviço Secreto do Exército guatemalteco (G-2) seriam os responsáveis pelo seqüestro.

Quem é Alaíde

O nome de Alaíde Foppa é um dos mais expressivos no feminismo contemporâneo na América Latina, tanto por sua produção intelectual como por sua militância. Desde os primeiros tempos do exílio, no México, ela atuou na luta pela defesa dos direitos das mulheres. Criou o primeiro curso de Sociologia da Mulher em uma universidade latino-americana. Produziu



uma série de programas radiofônicos, chamados “Forum da Mulher”, a partir de 1972. No último deles, dias antes do Natal, entrevistou as índias quichês da Guatemala que lutam contra seu extermínio pelo governo. Junto com Margarita Garcia Flores, fundou a primeira revista feminista da América Latina, a FEM. Além disso, publicou seis livros de poesia (entre eles “Elogio do meu corpo” e “As palavras e o tempo”), foi crítica de arte, tradutora de obras de Unamuno e D’Annunzio e professora de língua e literatura italianas.

Foi casada com um dos mais atuantes líderes do Partido Trabalhista Guatemalteco, Alfonso Solórzano, morto no exílio do ano passado, num acidente de carro. Com ele, teve cinco filhos e conheceu o destino dos exilados políticos em 1954, quando o

governo Arbenz (de quem Solórzano era chefe de gabinete) caiu na Guatemala. Desde então lutou, já no México, pela restauração da democracia em seu país.

O protesto

A revolta contra o desaparecimento de Alaíde Foppa tomou conta de movimentos feministas e democráticos de vários países. As inúmeras manifestações organizadas a seu favor levaram à criação do Comitê Internacional pela Vida de Alaíde Foppa, com seções na Cidade do México, Roma, Veneza, Londres, Estocolmo, Copenhague, Caracas, Barcelona, Nova Iorque e São Francisco. A Anistia Internacional, os parlamentos do México e da Itália, as comissões de direitos humanos da OEA e da ONU e diversas organizações feministas, sindicais, religiosas e estudantis apresentaram expressões de solidariedade.

Lutar pela vida de Alaíde Foppa significa reconhecer suas contribuições como feminista, poetisa, professora e crítica; como uma pessoa que não se isolou apenas numa vida intelectual, mas engajou-se diretamente nos problemas sociais, procurando modificar a condição das mulheres. Significa, ainda, protestar contra a violência praticada por governos como o da Guatemala, que usam o terrorismo para se manter.

Se você quiser entrar em contato com o Comitê Internacional pela Vida de Alaíde Foppa, escreva para TEHUANTEPEC 214, México 7, D.F., tels: 564.0405 e 564.0432.

Notas

ENCONTRO FEMINISTA

— O primeiro Encontro Feminista da América Latina e do Caribe será realizado em Bogotá, Colômbia, de 16 a 19 de julho, com o objetivo de reunir as mulheres interessadas em discutir Feminismo & luta política; Sexualidade & vida cotidiana; Mulher & trabalho; e Mulher, comunicação e cultura, temas do encontro. A participação será de indivíduos, o que não exclui a representação de grupos feministas. O prazo da inscrição se encerra dia 30 de maio, seu custo é de 20 dólares e tanto as inscrições como as propostas de trabalho devem ser enviadas para Olga Amparo Sanchez, A.A. 59351, Bogotá, Colômbia. A coordenação do encontro garantirá acomodações para as participantes de outros países.

GRANA — A Fundação Ford anunciou no final do ano passado que duplicou seus fundos para financiamento de atividades mulheres. Peça o folheto “Women

in the World” à Ford Foundation, 320 East 43 ST, New York, NY 10017.

REVISTA — Duas mexicanas, Adriana Santa Cruz e Viviana Erazo, fizeram uma pesquisa para o Instituto Latinoamericano de Estudios Transnacionales, mostrando que a imagem de mulher que as revistas femininas da América Latina apresentam pouco tem a ver com a realidade das mulheres deste continente. Estas revistas propõem normas de comportamento destinadas a fazer da mulher uma consumidora, ao mesmo tempo que reforçam os estereótipos a seu respeito. O estudo foi publicado em forma de livro (Compropolitan, editorial Nueva Imagen, México, 1980) e apontou para a necessidade de outro tipo de publicação, mais crítica sobre a situação da mulher. A proposta das duas autoras é criar uma revista feminista latinoamericana e, para transformar este projeto em realidade, elaboraram, sob os auspícios do ILET, um Taller de Revista Feminina Alternativa (Apartado Postal 85-025, México 20, DF). Escrevam para Adriana Santa Cruz, coordenadora do Taller, dando suas sugestões sobre a revista.

ESCRITORAS

— O 4º Congresso Interamericano de Escritoras vai ser na Cidade do México, de 3 a 6 de junho. As organizadoras do encontro, Elena Urrutia e Isabel Fraire, ao passarem por São Paulo em março, previram que pelo menos dez brasileiras participarão dos debates sobre a mulher e a literatura. Quem tiver interesse em participar, pode procurar Cecília Prada, em São Paulo, pelo telefone 814.6791.

CINEASTAS

— Uma discussão sobre o uso de vídeo-teipe e de filmes pelas feministas vai acontecer em Amsterdam, de 25 a 31 de maio. Mesmo não indo até lá, pode-se saber mais sobre o uso desses meios de comunicação pelas mulheres escrevendo para Cinema of Women Films, 156 Swaton Rd. London E3, Inglaterra.

RESISTÊNCIA & REVOLUÇÃO

— Este é o tema do número de março do boletim Resources for Feminist Research (Department of Sociology, Ontario Institute for Studies in Education, 252 Bloor Street West, Toronto, Canada M5s 1v6): a participação das mulheres nestes movimentos na América Latina.

SEXOLOGIA

— O Quinto Congresso Internacional de Sexologia se reúne este ano em Jerusalém, em junho, de 21 a 26. Entre os títulos já programados das seis sessões plenárias, dez painéis, 19 simpósios, 60 conferências, 37 seminários e os 19 temas selecionados para comunicações, não há um só que sugira um interesse pela contextualização social da nossa vida sexual. Ao contrário, parecemos estar assistindo a uma assustadora volta às teorias biológicas do século passado, fraseadas de uma maneira mais sofisticada. Só para dar alguns exemplos, os tópicos vão desde “a diferença sexual do cérebro”, passando pela inevitável “diagnose e classificação das disfunções sexuais”, pelos “hormônios e desenvolvimento sexual” e, claro, pela sexualidade das crianças, dos velhos, das prostitutas, dos deficientes físicos, das lésbicas e dos homossexuais, até o surpreendente “como apreciar o sexo através da alimentação e a alimentação através do sexo”. A administração da sexualidade está, em suma, em pleno andamento. Voltaremos ao assunto. Se alguém tiver interesse, o endereço é The Secretariat, 5th World Congress of Sexology, P.O. Box 29784, Tel Aviv Israel.

MÃE

"Ser mãe, a missão sublime da mulher" — repetirão todos neste Dia das Mães. Mas o que há por trás disso? É o que discutimos nestas duas páginas e na seguinte, com artigos e resumos de pesquisas.



Paraíso perdido ou reencontrado?

Carmen Barroso

Até pouca tempo atrás, a ideologia dominante nos fazia crer que a maternidade era fonte inequívoca de alegrias, exclusivamente. E que as mulheres eram naturalmente dotadas das qualidades necessárias ao cuidado das crianças, concebido como sua função suprema na sociedade. Não só isso, mas a idéia do amor materno tinha um caráter único entre os afetos humanos: independente de qualquer escolha ou de qualquer condição externa, incondicional, profundo, constante e interminável. A própria vontade de ter filhas era elevada à categoria de instinto biológico inelutável.

Qualquer mulher que não desejasse ardentemente ter filhos; ou que não colocasse a procriação como a coisa mais importante de sua vida; ou que tivesse alguma dificuldade no relacionamento com crianças em geral; ou que, de alguma forma, se afastasse daquele modelo ideal de paciência, dedicação e atenção constantes, modelo que necessariamente criaria crianças perfeitamente felizes e saudáveis — quaisquer dessas mulheres, ou seja, todas as mulheres — eram condenadas a assumir sozinhas a responsabilidade pelo seu fracasso no desempenho dessa sublime missão. Responsabilidade gravíssima por atingir dimensões ontológicas, pois o que estava em questão era a sua própria natureza, a feminilidade, o "ser feminina".

Recentemente, os tabus estão sendo quebrados e as máscaras estão caindo. As mulheres começam a assumir a sua voz e a dizer o que sentem.

E o que sentimos é que tudo aquilo que nos foi ensinado, desde a época em que ainda não sabíamos falar e já nos colocavam uma boneca no colo, ensinando-nos a niná-la, constitui apenas uma face da moeda. No Brasil, hoje, a maternidade pode ser, sim, fonte de enorme deleite; as crianças costumam ser, sim, criaturas deliciosas; e a convivência com elas, sim, nos pode dar grande prazer.

Porém, elas também são por vezes extremamente desagradáveis e cansativas; e

são fonte de dúvidas, incertezas e angústias. A singularidade da relação mãe-filho, dentro da família nuclear criada nos estágios mais recentes da ordem patriarcal, gera nas crianças necessidades de afeto tão vastas que são impossíveis de ser satisfeitas por qualquer ser humano, ainda que se especialize na profissão de mãe em tempo integral e dedicação exclusiva.

E o que é pior: como a ideologia procura negar a profunda contradição entre, de um lado, a exaltação misticadora da função maternal e, de outro, as precárias condições oferecidas pela sociedade para o desenvolvimento saudável das crianças e o exercício da maternidade, as mulheres acabam por assumir uma carga emocional muito pesada ao se sentirem culpadas por tudo o que não conseguem fazer por seus filhos numa sociedade tão inadequada para a satisfação das necessidades humanas.

Muitas mulheres têm de assumir simultaneamente a responsabilidade do sustento material dos seus filhos. As pesquisas mostram que desde 1950 tem aumentado a cada dia o número de famílias chefiadas por mulheres, que constituem uma parcela considerável dos estratos mais pobres da população. Condenadas à pobreza e ao subemprego por condições estruturais, essas mulheres arcam não só com uma dupla jornada de trabalho, mas também com uma dupla carga de culpa, ao ignorarem os fatores objetivos responsáveis por suas insuficiências tanto no cuidado das crianças quanto no garantir condições razoáveis de vida.

O reconhecimento da ambivalência em relação à maternidade — tal como ela é institucionalizada dentro do capitalismo e do patriarcado — é um primeiro passo no questionamento da maternidade compulsória, destino inexorável de toda mulher, supostamente determinado pelo simples fato da existência de um útero dentro do seu ventre.

Quando se questiona a maternidade compulsória, quando se reivindica o direito inalienável da mulher ao controle do seu próprio corpo, o que se postula, evidentemente, não é a não-maternidade igualmente compulsória. Isto é tão óbvio que parece

desnecessário repetir. Mas é que esse questionamento é freqüentemente distorcido, e as feministas passam a ser vistas como mulheres que não querem ter filhos.

Algumas efetivamente não querem, e esse é um desejo tão legítimo como qualquer outro. Mas a grande maioria de nós não queremos nos privar do convívio com as crianças, e é justamente para possibilitar uma vida humana mais rica em todos os seus aspectos, inclusive na criação de crianças, que rejeitamos a noção de maternidade tal como definida no patriarcalismo, quando "exonera o homem da paternidade, cria uma perigosa divisão entre a vida pública e a vida privada e, na mais fundamental das contradições, aliena a mulher de seu corpo ao nele encarcerá-la" (A. Rich).

Apesar das mudanças ocorridas ao longo da história nas relações sociais de produção e na família, o cuidado com as crianças permaneceu uma tarefa quase exclusivamente de mulheres, embora nem sempre das mães biológicas. Essa divisão sexual de trabalho, na qual as mulheres são mais envolvidas em relações afetivas, acaba por produzir uma divisão de trabalho herdada.

Atualmente, esta divisão rígida de papéis sexuais começa a gerar insatisfações e resistência. Os conflitos se exacerbaram tanto para a mulher que trabalha fora como para a mãe de tempo integral. Para as crianças é igualmente difícil uma situação onde o amor é um "recurso escasso controlado por uma única pessoa". Para os homens submetidos ao trabalho alienado, a falta de convivência com as crianças começa a ser percebida como a privação de uma das poucas experiências pessoais profundas, permitidas por esta sociedade.

Além dessas contradições dentro da família, a divisão sexual do trabalho familiar entra em conflito com as tendências da economia que têm trazido uma progressiva incorporação da mulher ao trabalho assalariado.

Tudo leva a crer que é historicamente possível a criação de novo sistema de cuidado das crianças. Isto, no entanto, depende da organização consciente e da mobilização das mulheres e dos homens que reconhecem ser de seu interesse mudar essa divisão que está na raiz das desigualdades sexuais.

Entre a solidão e a plenitude

Inês Castilho

Escrever sobre maternidade me faz pensar muita coisa. Lembro de duas companheiras de feminismo, às vésperas de eu ter meu segundo filho, me olhando profundamente preocupadas por ter escolhido um parto sem anestesia. Me tocou o medo de sofrer daquelas duas mulheres, jovens e feministas.

Penso que a dor é parte integrante, inalienável da vida. Que ao tentar alienar-se da dor, anestesia-se também o prazer. Esse prazer profundo que pode ser dar à luz, amamentar, acariciar e ver desabrochar a cria.

Penso também que esse mesmo prazer muitas vezes nos afasta do homem, que poucas mulheres vivem a maternidade sem contradição com sua sexualidade. "A mulher se sente tão auto-suprida, tão preenchida, tão prenhe, que há um movimento de jogar o homem prá fora da relação", nas palavras de Tessy Hanstzchel, psicóloga.

Penso ainda que, diante dos filhos, nossa verdade aparece qual num espelho. Como se cada filho refletisse um desejo, um momento de nossa vida. Que com filhos não há impunidade possível, pois eles nos devolvem tudo o que lhes damos, com a sinceridade característica da criança e do jovem.

Penso, finalmente, que é injusto que seja assim. Que apenas as mulheres sejam responsáveis pela vida e morte, saúde e doença, felicidade ou fatalidade que a vida reserve para nossos filhos. Que os homens assumam tão pouco a paternidade. Que tenham criado uma sociedade onde nos dizem "ser mãe é o principal papel da mulher", não deixando espaço para vivermos nossas outras dimensões. E mesmo o prazer da maternidade nos é negado, o parto (embora "natural") tornando uma operação cirúrgica, impessoal, a criança retirada de nós abruptamente para os berçários, mamadeiras e mãos "profissionais".

Diante de todas as dificuldades, nos sentimos culpadas. Porque não conseguimos conciliar prazer sexual com o ser mãe, numa sociedade que nos divide em "santas" e

"putas". Porque vivemos isoladas, sem creches onde possamos deixar nossas crianças e participar da vida social. Porque tão poucos homens sabem encontrar seu papel no momento da maternidade, ajudando, dando força, sem se tornarem rivais do próprio filho, mais uma criança competindo pelo afeto da mãe. Porque é tão difícil sobreviver e a luta pela vida torna um peso o sustento e a educação dos filhos.

Duas mães

Carmem é morena, bonita, 35 anos. Vive em São Miguel Paulista, periferia de São Paulo, um cotidiano suado para dar conta das necessidades da família. O filho mais velho tem 15 anos e "veio pela falta de experiência". O menino e a menina, de 8 e 7 anos, ela só teve depois de fazer tratamento. Outro, também planejado, tem agora 9 meses. Está esperando mais um, de 7 meses — "este calhou de vir".

Carmem acha que uma mulher só se realiza tendo filhos: "sem eles a gente fica muito independente, muito só, se quer trabalhar não tem nada que impeça, a não ser o marido". Carmem trabalha (só?) em casa. O que diz me soa estranho, pois minha briga é ser profissional e mãe, ao mesmo tempo. Ela explica: "Tenho uma irmã que teve só uma filha e agora está sozinha, sem ter aquela preocupação — está na hora de ir prá escola, de comer. A preocupação com os filhos é uma benção de Deus".

Quando engravidou do bebê que hoje tem 9 meses, Carmem dizia que era para ter companhia. Os outros iriam para a escola e ela não queria ficar sozinha naquele meio período. "Me dou mal com a solidão, não consigo ficar sozinha muito tempo".

Sinto que este é um problema ancestralmente feminino. De só nos sentirmos vivas através do amor que dedicamos a outros. E recorro a Sônia Curvo Azambuja, psicanalista, quando diz a respeito de uma paciente: "Penso nessa mulher e no seu medo à solidão; se o seu temor é que, estando só, estará deserta".

O que nos impede de buscar dentro de nós a fonte de nossa própria vida? Em que medida ter filhos vem preencher um vazio que só pode ser realmente preenchido abrindo caminho para a feminilidade no mundo dos homens? Qual o peso que colocamos sobre nossas crianças, quando elas são nossa única via de expressão e criatividade?

Marina é uma loira atraente, alta, 40 anos. Psicóloga, voltou a estudar depois dos



CARMEN BARROSO
Cuidado com os filhos um privilégio a ser compartilhado

filhos, hoje com 8 e 9 anos. Casou-se com quase 30, considerando-se uma mulher liberada: foi um susto quando se descobriu mãe ansiosa, passando a viver apenas através de maternidade. Diante do filho homem, o primeiro, descobriu-se "uma verdadeira mãe italiana". "Fiz um macho, eu pensava, meio horrorizada comigo mesma por valorizar tanto o homem". Uma coisa que acontece muito com a gente acostumadas a considerar inferior tudo o que é feminino.

Marina recusou a própria sensualidade, engravidou de novo e se viu, em pânico, diante de uma menininha feia — e o que podia esperar de uma filha, senão a beleza? Viveu alguns anos consumida pela ansiedade: "Só falava, só pensava em criança; no tempo de folga, dormia. Enfeiei, como se o desejo sexual colocasse em perigo o meu papel de mãe".

Cultural ou ancestral, poucas são as mulheres que não se colocam a necessidade de ter filhos. Muitas assumem a maternidade sozinhas, na falta de um homem que parta com elas nessa viagem.

Regina, 48 anos, um filho de 17, independente desde os 18, profissional bem-sucedida, sente com "terror" este momento de sua vida em que perde a condição física de ser mãe, em que tem de "renunciar ao fato de ser necessária num nível profundamente pessoal, que nenhuma profissão dá". Penso nela e, ao mesmo tempo, na voz de uma mulher de 54 anos, ligando para a Rádio Mulher, programa Elas por Elas, de Maria Rita Kehl, para dizer às mulheres que se cuidem, não desperdicem a vida como ela desperdiçou com marido — que agora está com outra — e filhos — casados e vivendo sua própria vida —, ficando sem nada para si mesmas.

Resta a pergunta: por que é que, estando sós, estamos desertas? E por que, não estando sós, não alcançamos a plenitude?

Os homens também se vêm em conflito com a paternidade, e estão à procura de um novo papel.

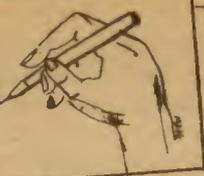


NAIR BENEDICTO

A sociedade tem que assumir a responsabilidade pela sua própria reprodução para que seja possível a redivisão social do trabalho de cuidar das crianças.



NAIR BENEDICTO



Fundação quer realizar novo concurso

A Fundação Carlos Chagas já está procurando financiamento para a realização do terceiro concurso de pesquisa sobre a mulher, em 1982. O presidente da Fundação, Adolpho Ribeiro Neto, está empenhado atualmente na tentativa de obter recursos que possibilitem a continuação do programa, por considerar que ele tem contribuído "para o desenvolvimento da consciência dos problemas enfrentados pelas mulheres na sociedade brasileira e para uma avaliação precisa dos fatores que podem atuar na solução desses problemas".

O primeiro concurso de pesquisa sobre mulher, realizado pela Fundação Carlos Chagas com apoio da Fundação Ford, foi aberto em 1977 — época em que, apesar do interesse crescente que o tema suscitava, ainda eram poucas as pessoas que se dedicavam ao estudo da condição da mulher, em seus vários aspectos. Mas a receptividade foi grande: 127 projetos candidataram-se a receber uma verba de até 120 mil cruzeiros. Destes, 20 foram aprovados e financiados.

A formação de seus autores era variada: havia desde estudantes universitários até pesquisadoras consagradas, como Heleieth Saffioti. Várias delas prepararam livros com os resultados de suas pesquisas. Branca Moreira Alves, por exemplo, lançou "Espelho de Vênus", sobre sexualidade, enquanto Miriam Moreira Leite editará uma "Antologia crítica da documentação sobre mulheres nos livros dos viajantes do século XIX". A própria Fundação Carlos Chagas, por sua vez, organizou duas coletâneas de artigos dos pesquisadores. A primeira foi lançada pela Editora Brasiliense no ano passado, sob o título de "Vivência". A segunda reunirá apenas artigos sobre trabalho e deverá sair ainda este ano.

O segundo concurso, aberto em 1979, mostrou um interesse ainda maior: apresentaram-se 131 projetos, dos quais 19 receberam financiamento de até 200 mil cruzeiros. Este concurso revelou grande abertura. Além de cientistas sociais, médicos, engenheiros, arquitetos, advogados e artistas também apresentaram projetos. E, fugindo à tradição acadêmica, uma das "pesquisas" aprovadas é um filme sobre prostituição, de Inês Castilho, Chico Botelho e Cida Aidar. Os participantes do concurso realizaram um seminário nos dias 13 e 14 de abril, para debater os resultados parciais de suas pesquisas e planejar sua publicação.

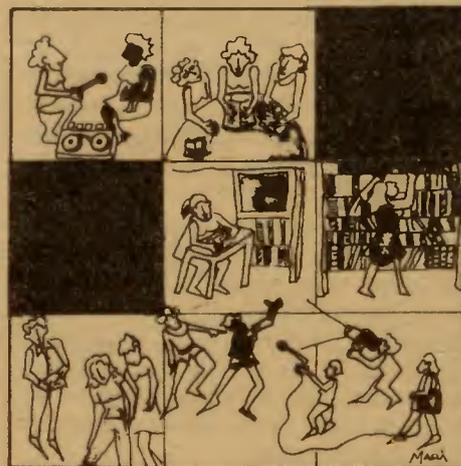
Incentivar novas áreas

Fazendo um rápido balanço dos dois concursos, Carmen Barroso, da Comissão Organizadora, observa que os temas que lideram a preferência dos pesquisadores são, por ordem, trabalho, saúde, sexualidade e política. Por outro lado, foram poucos os projetos sobre família e maternidade. Ela diz: "Talvez a ausência de projetos nessa área se explique pelo modelo masculino predominante, segundo o qual os fenômenos importantes estão no domínio público. O próprio pensamento feminista brasileiro só agora começa a superar a noção de que a libertação da mulher vem exclusivamente da participação na esfera produtiva".

Além da necessidade de incentivar a abordagem de novos temas, outro aspecto que preocupa a comissão organizadora é a grande concentração de pesquisas provenientes do eixo Rio-São Paulo. No primeiro concurso, 69% das pesquisas aprovadas eram de autores residentes nesta área; no segundo, esta porcentagem subiu para

76%. "Esse aumento da concentração parece indicar que os esforços especiais realizados no primeiro concurso para selecionar projetos fora dessa área em proporção maior do que a que seria obtida pela simples comparação de qualidade não foram suficientes para se contrapor à forte tendência concentradora de toda a cultura nacional", diz um relatório da comissão. Para superar esta tendência, a comissão considera importante que se encontre uma forma de colaboração entre instituições do Rio-SP e de outras áreas. Sugere, ainda, o incentivo a pesquisadores do Sul para que se dediquem ao estudo de outras regiões, em colaboração com pesquisadores locais.

Favorecendo o estudo de novos temas, incentivando as pesquisas regionais e valorizando os projetos que tentam uma integração entre o individual e o social e situem a questão da mulher num contexto social mais amplo, a comissão espera que o terceiro concurso avance ainda mais no conhecimento da realidade da mulher brasileira.



Mulher é tema de debates na SBPC

A próxima reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a ser realizada em julho, em Salvador, deverá apresentar grande número de trabalhos sobre a questão feminina e sobre assuntos que interessam diretamente à mulher. Foram encaminhadas as seguintes sugestões à Secretaria da SBPC:

— Simpósio sobre "A Mulher Negra", coordenado por Lélia Gonzales e proposto pelo Movimento Negro Unificado.

— Mesa-redonda sobre "A Mulher Negra na realidade brasileira e um paralelo com a situação americana atual", coordenada por Jandira Galvão e Fay Wimberly e proposta pela Sociedade de Pesquisa Malé — Arte e Cultura Negra e C.L.C. "Manuel Quirino".

— Conferência sobre "Participação da mulher brasileira no desenvolvimento da ciência no Brasil", por Lúcia Tosi (Universidade de Paris), proposta pelo Centro de Estudos Rurais e Urbanos.

— Simpósio sobre "Políticas governamentais e a mulher", coordenado por Carmen Barroso, com a participação da deputada federal Cristina Tavares, proposta pela Fundação Carlos Chagas.

— Encontro sobre "Mulher e participação política", coordenado por Fanny Tabak.

— Mesa-redonda sobre "O Planejamento familiar no Brasil", coordenada por Maria Eliana Labras (FGV/EBAP) e proposta pelo Centro Brasileiro de Estudos de Saúde.

— Mesa-redonda sobre "Sexualidade e reprodução", coordenada por Zahidé Machado Neto (FFCH/UFBA).

— Mesa-redonda sobre "Família e reprodução", coordenada por Ruth Cardoso (FFLCH, USP) e proposta pela Associação Brasileira de Antropologia.

— Mesa-redonda sobre "Políticas sociais e dinâmica demográfica", coordenada

por Neide Lopes Patarra (FAU/USP) e proposta pela Associação Brasileira de Estudos Populacionais.

— Conferência sobre "A sexologia forense na Bahia", por Maria Theresa de Medeiros Pacheco, proposta pelo Instituto Médico Legal Nina Rodrigues.

— Simpósio sobre "Serviços básicos de saúde (Prev-Saúde) — para que e para quem", coordenado por Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, do Conselho Federal de Enfermagem, e proposto pela Associação Brasileira de Enfermagem.

— Mesa-Redonda sobre "Prev-Saúde", coordenada por Jairnelson da Silva Paim, do Cebes-Bahia, e proposto pelo Centro Brasileiro de Estudos de Saúde.

— Simpósio sobre "O aleitamento materno: o ato biológico e fato social", coordenado por Cheywa Spindel, e proposto pelo Cebap.



leitura

O Espelho de Vênus. Grupo Ceres (Branca Moreira Alves, Jacqueline Pitanguy, Leila Linhares Barsted, Menista Ribeiro e Sandra Boschi). Brasileira, São Paulo, 1981. 383 pgs.



Marília de Andrade

Nossa vida, num relato comovente

Nos depoimentos de 29 mulheres, diferentes quanto à idade, profissão, estado civil e classe social, transcritos e analisados pelas autoras em *O Espelho de Vênus*, encontramos um traço comum: a vivência feminina reproduzida de forma direta e comovente. Estes depoimentos, colhidos numa pesquisa concluída pelo Grupo Ceres em 1979, constituem a espinha dorsal do livro. E incluem relatos sobre tópicos tão variados quanto infância, relação com os pais, descoberta do próprio corpo, relações afetivas e sexuais, casamento, gravidez, parto, educação dos filhos e vida profissional.

As descrições de fatos corriqueiros (parte da experiência cotidiana) e de acontecimentos importantes (que marcaram transformações de vida) aparecem pontilhadas de emoções contraditórias, fazendo-nos reencontrar, atrás de cada entrevista, uma pessoa viva. Não há nada, em termos de coleta de dados, que possa fornecer melhor retrato da realidade.

Um dos objetivos das autoras, plenamente realizado, era o de dar voz às mulheres, até agora marginalizadas pela História. No livro, fica claro que estas vozes individuais fazem parte de um coro mais amplo: o coro das mulheres pertencentes à mesma cultura, cujas experiências particulares são vividas a partir do substrato comum de atitudes e valores.

É inevitável que nos vejamos refletidas neste espelho, com diferentes roupas e idades, identificando-nos às vezes com uma estudante de 14 anos, às vezes com uma dona-de-casa de 50. Quantas mulheres, em sua primeira visita ao ginecologista, não se sentiram "assim, uma coisa manipulada, ao nível... de repente eu era menina, né?, cheia de pudores, não mostrar a xoxota, essas coisas. Então, eu lá, galinha assada, aquele homem me futucando" (Sônia, dona de boutique, 34 anos)?

E quantas de nós identificam-se com outro depoimento, ao se recordarem das emoções sentidas na primeira menstruação? "Eu sabia que era menstruação, mas fiquei na dúvida se podia ser porque tinha muito pouquinho. E eu fiquei emocionada, achei que era o máximo ter ficado menstruada..."

Depois descobri que era a maior chatura da vida... (riso). Porque era o fato de eu estar me transformando, né?" (Bernadete, funcionária pública, 26 anos).

Experiências diferentes

O livro apresenta um conjunto de depoimentos bastante heterogêneos, experiências e posturas diversas diante da vida. Há relatos dramáticos da primeira relação sexual: "É, você acredita que eu não sabia que o negócio era assim, sabe? Foi mesmo de uma só vez. Aquilo parece que estourou tudo (...). Gritei mesmo. Gritando e ele tapando minha boca..." Há, em contrapartida, atestados de gratidão eterna ao marido: "Então eu devo a ele tudo isso, toda essa felicidade que eu tenho, esses filhos maravilhosos, entendeu? (...) Ele foi o autor desta coisa toda". (Isaura, dona-de-casa, 84 anos). Faces contraditórias da relação homem-mulher, que fazem parte do mesmo contexto de dominação.

Na segunda parte do livro, as autoras apresentam uma análise das representações femininas sobre a sexualidade. Discutem as estratégias de passividade e desconhecimento — respostas comuns, das mulheres que entrevistaram, a diversas situações de vida. E terminam discutindo a possibilidade de resgate da mulher de sua condição subordinada.

Muito mais haveria para ser analisado no conjunto tão rico de dados apresentados. Como, porém, no espaço limitado de um texto, deslindar o complexo emaranhado de fatores que determinam essas histórias de vida? O trabalho louvável do Grupo Ceres é apenas o começo de um longo caminho a ser percorrido.



Bacall Fenomenal
Lauren Bacall.
Nórdica, Rio, 1981. 454 pgs. Tradução de Luís Horácio do Matta.

Elizabeth Souza Lobo

As várias faces de um mito

"Caminhei em direção ao quarto de Bogart e perguntei: alguém tem fósforos? Bogart atirou-me uma caixa, eu respondi — obrigado — e joguei de volta. Minhas mãos tremiam, minha cabeça tremia. Enfim dei-me conta de que, para dominar o tremor da cabeça, bastava baixá-la, o queixo quase no pescoço, olhando de baixo para cima, para Bogart. Funcionou..."

A cena era do filme "Uma Aventura na Martinica". Betty Bacall, nova-iorquina, judia, 19 anos, tornava-se Lauren Bacall — "o olhar", a estrela de Hollywood, e "Baby", a mulher de Humphrey Bogart. As memórias de Betty/Lauren recriam o mundo encantado do show business dos anos 40 e 50. Mais ainda: desvendam, além da estrela de Hollywood, uma mulher.

No livro, a atriz conta que Howard Hawks, famoso diretor de Hollywood, criou para ela uma nova imagem, "uma personalidade que correspondia ao meu olhar, à minha voz e a parte de mim mesma". Mas era "a imagem de uma mulher liberada, independente, capaz de enfrentar qualquer situação. Não tinha nada a ver comigo e até hoje não corresponde ao que sou".

"O que aprendi, veio de minha mãe". Uma mãe austera, inquebrantável, que criou a filha sozinha, sempre com dignidade. Seus sólidos valores fizeram da jovem Betty, mais do que uma aspirante ao estrelato, muito bonita, uma aprendiz aplicada e uma profissional séria.

Tentou o teatro até que uma foto no *Harper's Bazaar* interessou a Howard Hawks. Betty deixou Nova York por Los Angeles. Pouco depois estreou em "Uma Aventura na Martinica", com Humphrey Bogart. O filme trouxe ao mesmo tempo o sucesso e o amor por Bogart. Betty passou a ser Lauren e Baby.

Lauren descreve o romance entre um homem sofrido, exigente consigo próprio e com os outros, casado várias vezes, e ela, jovem romântica, inexperiente e profundamente apaixonada. Como nos filmes da época, os dois se casam, têm filhos e são felizes até que a tragédia se instala: Bogart adoece de câncer, luta pela vida, definha e morre.

A procura

A proteção que envolvia Lauren desaparece. Ela, a viúva de um "monstro sagrado", é apenas uma mulher só em busca da própria identidade. Descobre que nem todos os homens sabem o que querem, como Bogart sabia, pergunta-se por que o apaixonado de um dia desaparece dois dias depois, ama Frank Sinatra que a deixa, casa-se com Jason Roberts, tem um filho mas a ligação se rompe.

De repente, percebe que vivera sua vida ritmada pelas solicitações dos outros, dos maridos, dos filhos. Sozinha no camarim depois dos aplausos, reza para que alguém bata à sua porta. Perde a mãe, os filhos crescem. Betty/Lauren vai-se desfazendo do mito da viúva, lutando contra a memória e as fantasias dos que não se interessam por sua pessoa, apenas pelo mito. Vive um longo aprendizado com a mesma honestidade com que vivera o sonho.

"Romântica e irrealista", muitas vezes procurou prolongar relações improrrogáveis, chorando as mágoas no travesseiro e dizendo para si mesma: "Esqueça-o, amores fugazes não fazem seu gênero e nunca farão. Aproveite e não faça planos". Confessa: "Às vezes dava certo, quase sempre não."

As muitas faces de Betty/Lauren Bacall se desenham: a idealista que denunciou a caça às bruxas do macartismo e apoiou os democratas Stevenson e Kennedy. A amiga fiel dos velhos amigos, a menina judia, a menina-família, a mãe dedicada, a filha que se culpa por não ter tido tempo para amar mais a mãe. Aquela que nunca vendeu a alma. A romântica. "Continuo frágil, romântica e idealista, como era aos 15 anos, sentada numa cadeira de cinema, vendo e sendo Betty Davis."



leitura



As muitas mães de Ariel.
Mirna Pinsky. Melhoramentos, São Paulo, 1980. 32 pgs.
Ilustrações de Maria José Boaventura.

Maria Helena Martins

Mãe é sempre mãe?

Desde que comecei a lecionar e investigar literatura infanto-juvenil no Curso de Letras da UFRGS, tenho verificado a persistência dos autores em apresentar personagens e situações esquematizadas, evitando expressar a ambigüidade e a ambigüidade do comportamento humano. O didatismo e o moralismo estão na raiz desse procedimento, ainda que camuflados pela aparente gratuidade lúdica das histórias. Há também tendência acentuada de caracterizar a relação adulto/criança sob a aura da pseudo-respeitabilidade, mal encobrindo o autoritarismo de um e a submissão do outro.

Mirna Pinsky traz essas questões à tona, relatando em *As Muitas Mães de Ariel* como um garoto descobre a multiplicidade de expressões, sentimentos e atitudes de sua mãe: "Quanta mãe cabe dentro de uma mãe só!"

Contrapondo observações, reflexões e diálogos de Ariel e sua mãe, por meio de

situações cotidianas, como a presença de um encanador que atrapalha a ida de um para a escola e da outra para o trabalho, a autora desvenda a trajetória do aprendizado mútuo. Ariel nota a mãe às vezes "com uma bruta raiva e que a raiva fica dentro dela", mas percebe que ela também ajuda e é brincalhona ("a mãe ideal prá ouvir notícia de nota baixa"), e que, na mistura de emoções e reações, "tem muito amor". A mãe, em meio a mil funções — "emprego, casa, dentista, vaso entupido, festa" — percebe com ironia que tudo isso "é muita coisa prá pouca mãe".

A leitura do texto auxilia a criança a reconhecer e compreender as contradições com as quais desde cedo convive, mas que são invariavelmente escamoteadas em casa na escola, na vida social, especialmente a que se refere à mistificação da figura materna — um artifício secular, contraposto para a humilhação, repressão, violência, enfim, a que mulheres e crianças estão sujeitas.

A tarefa de romper com tal estrutura não pode ser desenvolvida só a nível dos adultos, mas — talvez principalmente — junto a crianças e adolescentes. E se a literatura infanto-juvenil, tradicionalmente veículo de fixação de imagens distorcidas da mulher e da mãe, começa a questionar essa concepção, sem dúvida estamos abrindo perspectivas melhores.

Mirna Pinsky sabe da importância do conhecimento da criança que cada um de nós foi (e ainda é) e do diálogo com seu público. Não só investiga questões que envolvem a criação da literatura infanto-juvenil, como o próprio universo do leitor. Não pretende escrever só para agradar a criança ou diverti-la, mas para ajudá-la a crescer, respeitando-a, também buscando aprender com ela. E em *Zero, Zero Alpiste* (Ática) e *Inicição* (Comunicação), a autora revela as mesmas preocupações e qualidades.

Uma revista independente

Uma revista que faz questão de manter "uma independência absoluta, uma liberdade absoluta", e que não abre mão de seus princípios nem quando se trata de angariar recursos para se sustentar — assim é a FEM, publicação bimestral editada no México por um grupo de feministas, segundo uma de suas editoras, Elena Urrutia.

Elena esteve em São Paulo no final de março e contou, bem-humorada, que a redação já recusou diversos anúncios considerados machistas e, em alguns casos, conseguiu convencer os anunciantes a mudar o conteúdo de sua publicidade, eliminando os preconceitos e as imagens esterlotipadas da mulher.

Desde sua criação, em outubro de 1976, FEM tornou-se consulta obrigatória para as pessoas interessadas na questão feminina. Até agora foram publicados 16 números, cada um sobre um tema específico, como trabalho, sexualidade, feminismo, aborto, linguagem, educação, serviço doméstico e a luta das mulheres da América Latina. Os temas são tratados sob vários ângulos, em artigos de colaboradores — mulheres e homens — de vários países. A tiragem atual da revista é de 15 mil exem-

plares, e a periodicidade bimestral nem sempre é mantida, devido às dificuldades financeiras. A assinatura anual da FEM custa 25 dólares. Se você quiser assinar ou comprar números atrasados, escreva para Av. México nº 76-1 Col. Progreso Tizapán, México 20, D.F.



FEM Nº 6 - PG. 94

Notas

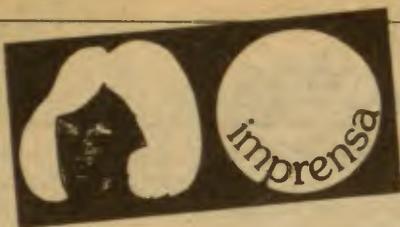
NOVA COLEÇÃO — A Avenir Editora, do Rio, lançou em abril a coleção *Avenir Mulher*. O primeiro título da coleção é "As Prefeitas", de Eva Alterman Blay, que trata da mulher no espaço político brasileiro. O livro resultou de uma pesquisa feita por Eva com as prefeitas de várias cidades brasileiras na legislatura anterior (1972-76) e atual (76/82). O segundo volume da coleção traz o depoimento de Marli Pereira Soares, que, em ato de coragem e desafio, apontou os assassinos de seu irmão, morto violentamente na porta de sua casa, no ano passado, no Rio. Marli relata a duas outras mulheres, jornalistas, seu dia-a-dia, desde a infância.

OUTRA — A Proposta Editorial, criada no ano passado em São Paulo, é outra editora que tem uma série inteiramente voltada à questão feminina, *Proposta Mulher*, considerada o carro-chefe da editora. Até agora, foram lançados "Sexo contra sexo ou classe contra classe", de Evelyn Reed, feminista e antropóloga norte-americana; "Autobiografia de uma mulher emancipada", de Alexandra Kollontai, militante da Revolução de 1917 na Rússia; "Aborto: um direito da mulher sobre seu próprio corpo", com vários artigos; e "Da velha à nova família", com textos de August Bebel, Agnes Heller, Leon Trotsky e Alexandra Kollontai. Este ano, a editora pretende lançar pelo menos um título por mês sobre mulher, entre eles "A mulher", de August Bebel; "Sexismo e ciência", de Evelyn Reed; "Origens da opressão da mulher", de Antoine Artaud e Frederique Vintuil; e a novela "Um grande amor", de Alexandra Kollontai.

ASSOCIAÇÃO — Desde o seu início, em 1978, a Associação das Mulheres, de São Paulo, vem publicando uma série de cadernos. Até agora foram editados "O movimento de mulheres na Espanha (esgotado)", "As mulheres e os sindicatos — França e Espanha", "O movimento de mulheres no Brasil" (esgotado); "Mulher, profissão: secretária", "Contracepção e aborto" (em co-edição com o Grupo 8 de Março) e "Nossa história", em quadinhos (em co-edição com a Associação das Donas-de-Casa). No momento, estão sendo feitos cadernos sobre violência, empregada doméstica e a reedição ampliada do "Movimento de mulheres no Brasil". Estas publicações são vendidas na sede da Associação, à rua Cardeal Arcoverde, 2109, Pinheiros, São Paulo, fone 814.5753.

BIBLIOTECA — O setor de Biblioteca e Documentação da Fundação Carlos Chagas informa que está atendendo pessoas interessadas em consultar publicações — livros, periódicos, teses, além de fontes secundárias como catálogos e listagens bibliográficas — sobre a questão feminina. Para isso, tem dois bibliotecários que centralizam e organizam informações na área. O horário de atendimento é das 10 às 17 horas, de segunda a sexta-feira. O setor vem desenvolvendo também a implantação do Sistema de Informação em Educação, para indexar artigos de periódicos, folhetos, recortes de jornais e microfichas nas áreas de educação, mulher, psicologia, sociologia, etc. Se você tiver interesse em consultar ou reproduzir este material, escreva à Fundação.

FAMÍLIA — Até o final de maio já estará circulando um número especial dos Cadernos de Pesquisa, da Fundação Carlos Chagas, inteiramente dedicado à questão da família. Organizada por Cristina Bruschini e Lia Fukui, a publicação contém artigos de diferentes áreas (a família na história e no trabalho, a família vista pelo feminismo, pela psicologia e pelas instituições), reportagens sobre mulheres chefes de família e sobre terapia familiar, e resenhas de livros.



Em contraponto, "Capricho" e "Mulherio"

A pseudoneutralidade pode ser tão pernicioso quanto o preconceito. Um exemplo é a resposta a uma carta publicada na revista *Capricho*, em fevereiro deste ano. Abaixo, a carta, a resposta de *Capricho* e a resposta que daríamos à mesma carta:

"Sou noiva, 25 anos, e adiei a data do casamento. Tudo porque tenho o clitóris muito desenvolvido. Ele é bastante saliente, e os lábios da vagina não o cobrem. Por isso, gostaria de saber se existe alguma operação que acabe com esse problema." C.R. (RJ)

Capricho responde: "Sim. A operação para diminuir o tamanho do clitóris existe (clitoridectomia ou amputação do clitóris). É uma cirurgia relativamente simples, com resultados satisfatórios e praticamente sem complicações. Este crescimento exagerado do clitóris pode ocorrer por uso indiscriminado de medicamentos que contenham hormônios masculinos. Mas também pode ocorrer por um distúrbio hormonal do organismo.

O primeiro passo é fazer uma consulta com um médico ginecologista para um exame completo. Ele poderá dizer se o seu caso é mesmo de operação e lhe fornecerá todas as informações necessárias. Fique

Os meios de comunicação social desempenham, inegavelmente, um papel de formação da opinião pública, inibindo ou reforçando comportamentos e atitudes. Mas como é que eles têm tratado a questão da mulher?

tranqüila, casos como o seu são muito frequentes."

Mulherio responde: "Sim, esta operação existe: ela foi inventada pelos médicos, no século passado, para 'curar' as manifestações da sexualidade feminina que fossem consideradas desviantes dos rígidos padrões de comportamento impostos às mulheres daquela época. A masturbação era então apontada como a causa de várias doenças e o orgasmo muitas vezes definido como uma doença em si mesmo. Ao descobrirem que o clitóris é uma zona particularmente sensível do corpo da mulher, os médicos criaram no Ocidente a clitoridectomia, além de outras operações mutiladoras do corpo feminino. Masters e Johnson, em suas pesquisas a respeito da sexualidade, mostraram que a remoção da extremidade do clitóris, que possui nervos ligados ao sistema nervoso geral do corpo, leva à perda da sensibilidade erótica na mulher e pode conduzir à frigidez nas relações sexuais. Quando as mulheres começaram a discutir sobre seu corpo a partir de suas próprias experiências, e não mais guiadas pelos manuais médico-ginecológicos, a redescoberta do clitóris como fonte de prazer foi uma conquista importante. Outra foi a aprendizagem de que o clitóris é parte da anatomia feminina e pode variar em tamanho de mulher para mulher — como varia o volume dos seios ou a largura dos quadris. Assim, o que se costuma chamar de "crescimento exagerado" do clitóris pode ser simplesmente uma tentativa de reduzir todas as mulheres a um mesmo padrão de conformação corporal. Pode ser também a expressão da confusão que a presença deste órgão feminino, tão parecido com o pênis mas tão diferente dele, causa na cabeça dos homens."

Mariza Correa

Notas

O 8 DE MARÇO NA IMPRENSA PAULISTA

— Já vão longe os tempos em que as feministas eram pintadas pelos meios de comunicação como exóticas "queimadoras de sutiãs". Ainda persistem comentários ridicularizantes isolados, mas eles não constituem mais a noia dominante. Um exemplo disso foi a cobertura da comemoração do 8 de março pela imprensa paulista e pelas publicações de circulação nacional.

Entre os diários, a Folha de S. Paulo destacou-se com a melhor cobertura, confirmando, assim, ser leitura obrigatória de todas as pessoas que se interessem pela questão da mulher. Além de editoriais, artigos, e reportagens, dedicou um número do Folhetim inteiramente ao assunto. O Estado de S. Paulo, por sua vez, destacou-se com a pior cobertura. Numa demonstração de descaso ou ignorância, chegou ao ponto de trocar informações ou dar informações erradas, o que surpreende num órgão tão cioso da confiabilidade de suas matérias. Por exemplo: atribuiu a organização do Congresso da Mulher Paulista num dia a uma inexistente Sociedade Brasileira da Mulher, em outro dia, ao PT. Assim, quem consultar seus valiosos arquivos no futuro terá uma visão completamente equivocada dos fatos.

As revistas de grande circulação, *Veja* e *Isto É*, dedicaram duas matérias cada uma ao Congresso, destacando especialmente os problemas causados pela realização de um encontro paralelo no Pacaembu. Na imprensa alternativa, Movimento esteve à frente pela qualidade e pela quantidade de material publicado (números 293 e 298). Em *Tempo*, *Voz da Unidade* e *O Trabalho* também dedicaram extensas matérias ao evento, com predomínio para a análise política do Congresso. Na imprensa ligada a instituições, *O São Paulo*, da Cúria Metropolitana, deu uma boa cobertura; enquanto na imprensa de bairro destacou-se a *Gazeta de Pinheiros*.

Na televisão, o melhor trabalho sem dúvida foi o da TV Mulher, com uma cobertura séria e abrangente.

(Marla Carneiro da Cunha)

HENFIL — O humorista Henfil continua fazendo graça — séria — com os problemas das mulheres, não só em seu quadro "TV Homem", levado ao ar diariamente na TV Mulher, mas também na sua página semanal na revista *Isto É*. Na carta à sua mãe publicada na edição de 8 de abril da revista, ele comenta o fato de um assaltante, Rogério da Cunha Ribeiro, ter sido obrigado pela polícia carioca a "desfilar pelo morro requebrando como uma cabrocha", de vestido, turbante, colares e pintado de batom. Henfil pergunta: "Por que é que vestir um homem de mulher é humilhar, é desmoralizar? Por que ser mulher é a coisa mais humilhante e desmoralizada que tem? Pior que ser cachorro, pato e galinha? Sim, porque se tivessem vestido o Rogério de cachorro não ia ter nenhum impacto. Pelo contrário, ia parecer gente interessada pelo pedigree e até anúncios nos muros: Cão Rogério km 72. Pois é por isso que um (dois, três, mil) Lindomar Castilho tem o legítimo direito de matar a Eliane de Grammont. Ah, ele é apenas misericordioso. Quis livrar Eliane da humilhação, da desmoralização de ser... uma mulher. Tô falando sério. Tô pensando que eu sou o que? Uma mulherzinha?" Dá-lhe, Henfil! Estamos com você. Ou melhor: você está com a gente.

Sem Comentários

Nesta seção, pretendemos reproduzir trechos de matérias publicadas pela imprensa que revelem discriminação contra a mulher.

O Dia Internacional da Mulher (...) relembra o sacrifício de 129 operárias têxteis de Nova York". (*"Mulherio"* n.º, pág. 3)

"Mas a ponto crucial, antes como hoje, é a constatação de que não existe qualquer forma de exploração de um sexo pelo outro, assim como não há subjugação de uma classe social por outra. É o ser humano — tal como ele é com sua mente e seus condicionamentos perpetuamente reforçados — que exerce dominação e mantém injustiças, não importa em que situação esteja, não importa seu sexo ou sua condição econômica e social." (Trecho do artigo "A mulher personagem", de Luiz Carlos Lisboa, *Jornal da Tarde*, 30-3-81, pág. 4).

"Numa sociedade igualitária e socialmente liberada, quem come as velhas?" (de um humorista não muito jovem, *Veja*, 25-2-81, pág. 9).



Revista Coqueiro



Trabalho doméstico, função de todos

Uma forma peculiar de democratização dos encargos domésticos vem sendo vivida, há quatro anos, por uma família paulistana. No apartamento de um conjunto habitacional da Vila Madalena, bairro de classe média, todos trabalham. Ana, 14 anos, Lia, 12, Ruth, 11 e Raquel, 10, e seus pais, Raimundo e Sizue, parecem ter superado o velho princípio de atribuir apenas à mulher, à mãe, a tarefa de cuidar da casa. Curiosamente, tudo ocorreu a partir de uma decisão sugerida e assumida pelas crianças que, com isso, provocaram uma "revolução" na família.

Tânia Maria Mendes

A decisão foi tomada em 1977, quando a família morava na casa da mãe de Raimundo. Ali havia de tudo "do bom e do melhor": a avó e duas empregadas asseguravam a todos refeições gostosas, casa limpa e roupa lavada. Mas as crianças queriam cuidar de seu próprio canto e sentiam falta de maior convivência com os pais, o dia inteiro às voltas com suas atividades profissionais. Raimundo, diretor do semanário, *Movimento*, seguia o esquema de vida comum à maioria dos homens: sua casa era um lugar onde ia para comer, dormir e mudar de roupa. Sizue, socióloga, com jornada de período integral na Secretaria do Planejamento, também mal parava em casa: cansada de assumir integralmente suas tarefas de dona-de-casa, quando morava só com o marido e as filhas, ela usufruía as "mordomias" oferecidas pela sogra.

Se você não faz, ninguém irá fazer

Quando as crianças quiseram mudar, um ponto ficou claro: o orçamento familiar não daria para arcar com despesas de aluguel e empregada. Todas concordaram. E se prontificaram a elaborar uma tabela de divisão de tarefas, por rodízio, sem esquecer as punições para eventuais relapsos. Decidiram que o "castigo" seria uma limpeza completa no setor da casa que estivesse a cargo do castigando. O esquema deu certo e, com o passar do tempo, Ana, Lia, Ruth e Raquel preferiram assumir também o trabalho da faxina — que era feito por uma faxineira quinzenalmente — e dividir entre elas o pagamento.

No trabalho diário de uma casa,

quase tudo que se faz torna-se invisível, e, diante dessa constatação, diz Ruth, "se todos fazem todas as tarefas, saberão o quanto demora e como se pode fazer bem-feito um trabalho". Por isso, quem vai cozinhar durante a quinzena apenas aceita sugestões ou pedidos para o cardápio, com a devida antecedência. Reclamar da comida no momento de sentar-se à mesa é hipótese absolutamente descartada. Todas as reclamações são feitas nas reuniões quinzenais de avaliação e redistribuição das tarefas, que nem sempre transcorrem normalmente.

Uma vez divididas as tarefas, cada um torna-se responsável exclusivamente pelo seu setor. A não ser em casos de doença, ninguém faz o trabalho pelo outro, embora Sizue confesse que, no início, quando notava algo por fazer ou mal-feito, sua reação espontânea era realizar a tarefa. Hoje isso não ocorre mais.

A escala de trabalho varia. Na última quinzena de março, por exemplo, Ana preparou o almoço, o jantar ficou a cargo de Raquel, Ruth cuidou de limpar a cozinha e Lia ficou com a limpeza da sala e do banheiro. Raimundo e Sizue há alguns meses têm atribuições fixas. Ele prepara o café da manhã, retira o lixo, compra pão e leite e providencia o lanche que as filhas levam à escola. Sizue se encarrega das roupas e das compras.

Ana começou a cozinhar com 11 anos, e atualmente sua grande realização é uma torta de limão. Mas ela reclama da dificuldade de acertar no arroz: "Até hoje aqui em casa o arroz ou é muito cozido ou fica cru". As panquecas de Raquel têm sido apreciadíssimas e ela acostumou-se a trocar receitas com a avó. Todos aprenderam a cozinhar. Ruth lembra o tempo em que Raimun-

do começou: "Todo dia era bolo de carne; quando variava, era hambúrguer".

No mesmo barco

Todos reconhecem que a experiência de administrar a casa coletivamente tem obtido bons resultados. Eles próprios avaliam isso, diante da baixa incidência de "castigos": Raimundo teve apenas um, e Lia, considerada perfeita, nunca enfrentou um castigo, por isso ninguém lhe nega o direito de cobrar mais dos outros, durante as reuniões quinzenais.

Mas a mudança é avaliada diferentemente por cada pessoa da família. Raimundo, trabalhando uma média de dez horas diárias no *Movimento*, tem mais duas horas de tarefas em casa, e admite ter sido obrigado a "racionalizar o tempo". Mesmo assim, ele acha que a experiência tem sido boa, e garante: "É impossível querer democratizar a vida familiar sem conhecer e participar desta engrenagem. Isto me ajuda muito no relacionamento com as crianças".

O novo esquema deixou Sizue mais liberada para projetos pessoais e menos preocupada com a administração da casa. Mas, sobretudo, significou "uma possibilidade de passarmos juntos por este processo de readaptação. Fico contente ao sentir que hoje estamos todos no mesmo barco".

Esse novo barco trouxe, para as meninas, a convivência mais estreita com os pais. Ana diz que sentiam falta disso. "A gente quase não saía juntos. De vez em quando o Raimundo nos convidava para 'ver greve'. Ou então nos levava à Cidade das Crianças e dizia: 'na volta pego vocês'." Hoje a saída semanal da família está assegurada e ninguém abre mão disso.



IOLANDA HUZAK

As crianças provocaram uma "revolução" na família



“Balzaquianas”, um retrato do casamento



No filme, Irene Ravache interpreta cinco mulheres diferentes que reproduzem múltiplas facetas de subordinação ao papel de boa esposa.

A produção artística voltada para a mulher ganha novo alento com “Balzaquianas”, curta-metragem dirigido por Eliane Bandeira e Marília de Andrade. O roteiro do filme foi feito a partir de entrevistas com mulheres casadas de várias classes sociais, na faixa dos 20 aos 40 anos. Ele procura retratar, com certa ironia, as agruras e o lado mesquinho do casamento.

Em “Balzaquianas”, Marília e Eliane passeiam pelo cotidiano feminino. Com humor, graça e imagens plásticas muito bonitas, vão fazendo aparecer vários aspectos da condição da mulher.

Há de tudo. Como a mãe indo ao banco com dois filhos, atrapalhada com a multiplicidade de gastos que tem de fazer: atravessar a rua, ficar na fila, pegar e guardar o dinheiro. Os

movimentos cômicos parecem um pouco os de “Tempos Modernos”: a rapidez tecnológica da fábrica, somada aqui à necessidade de bom humor, já que a mãe deve ser o estio de alegria dos filhos. Há também o peso das tarefas domésticas, mulheres lavando roupa e ouvindo reclamações do marido. Ou uma mulher que se permite cair fora: preparando toda uma viagem de férias para, de surpresa, fazer o marido ir sozinho com os filhos.

Dissecado como instituição social, o trabalho doméstico fica absurdo: é feito em tal isolamento que as mulheres ficam cortadas da sociedade, sem campo para ação no mundo. E, como mostra o filme, muitas vezes nem mesmo pensam no seu papel. Que contraste com uma sociedade primitiva, por exemplo, em que debulhar milho, varrer o pátio e cozinhar para todos pode ser feito num ritmo lúdico, rindo e cantando, junto com as outras pessoas, com a apreciação e o reconhecimento de todas, sem ser um fragmento de vida!

Para nós, o vazio da faina repetitiva, das operações mecânicas de cada dia, indispensáveis à sobrevivência, é o vazio da própria sociedade

industrial. Nas imagens do filme, essa ligação é feita: as ruas e milhares de carros, o barulho, a burocracia e a espera nos guichês, a pobreza, o cenário de uma pequena casa de periferia.

Há nas entrelinhas um sentimento trágico do mundo (evocando a perambulação pela cidade de “Ato de Violência”, filme de Eduarda Escorel), um sutil pano de fundo de adormecimento político: o que deseja, por exemplo, um marido de classe média, como o do filme, senão um bem-estar que engrenagem? As personagens de “Balzaquianas”, Inconscientes de si mesmas, não têm nenhum sentido de mobilização política ou prazer. Pois poderá significar liberdade a porta que se fecha para deixar sozinha em casa, por um fim de semana, a mulher sem marido e filhos?

Betty Mindlin

“Balzaquianas” (Curta-metragem, 16 mm., Ficção). Direção: Eliane Bandeira e Marília de Andrade. Com: Irene Ravache. Colorido. Som: ótico. Duração: 18 minutos.

Quem quiser alugar uma cópia do filme para passar em sua cidade deve escrever para NAU — Nacional Artistas Unidos, a/c Guilherme Lisboa, Rua Clnderela, 62, São Paulo-SP, CEP 01455, fone (011) 210.3937.



“Elas por Elas”: tribuna livre

Durante quase um ano — de abril de 80 a fevereiro de 81 — a jornalista e mestre em Psicologia Social Irene Cardoso fez uma experiência pioneira no rádio brasileiro: apresentou e dirigiu um programa nitidamente feminista, embora sem se autoproclamar como tal. O nome do programa, “Elas por Elas”, dá a dimensão de seu conteúdo: Irene e a radialista Meire Gersy, mais convidadas, falavam sobre um tema específico e, logo depois, esperavam telefonemas das ouvintes para trocar idéias sobre o assunto em pauta. Estimava-se que 40 mil mulheres, no mínimo, ouviam diariamente o programa, levado ao ar na Rádio Mulher, de São Paulo, das 11 às 13 horas. Apesar da enorme receptividade, a direção da emissora quis mudar o horário e Irene, em razão de outros compromissos, não pôde continuar. Aqui, ela conta sua experiência:

“A perspectiva de fazer um programa de rádio para discutir os problemas de discriminação contra a mulher parecia impossível, até que senti sua concretização no ‘Elas por Elas’. Durante quase um ano, sem ser elitista ou dona da verdade, respeitando a enorme disparidade do público, procurei conhecer suas culpas, desejos e interpretações específicas.

Em primeiro lugar, tentei enfrentar os preconceitos. Os primeiros programas analisaram o tema ‘Os direitos da mulher’. Tentava, assim, preparar o terreno para que entendessem o que significava ‘feminismo’. Numa segunda etapa, começamos a discutir ‘reivindicação’, palavra que a maioria não sabia pronunciar, assim como ‘solidariedade’.

A questão da facilidade de comunicação com as ouvintes foi num crescendo espantoso. No início, elas ligavam e mal conseguiam formular seus problemas: repetiam-se cansativamente; algumas vezes eram agressivas, sem necessidade. Fizemos um programa sobre isso. O sucesso foi inacreditável. Muitas telefonaram afirmando que o programa havia sido feito para elas, ‘encaminhado’. A partir de então, os depoimentos passaram a ser conexos, menos ‘chatos’, mais objetivos.

‘Elas por Elas’ passou a ser uma tribuna livre da mulher. Ligavam donas-de-casa pobres, médias ou ricas, prostitutas, professoras, psicólogas, sociólogas, empregadas domésticas, advogadas. Quem não tinha telefone ia até um “orelhão” e pedia para aguardarmos que voltasse para casa, para continuar escutando.

Os problemas que apontavam eram de uma variedade enorme. Elas surpreendiam com suas posições avançadas em questões de sexualidade. Mas, em termos de sentimento de culpa, a realidade era chocante. Num programa sobre literatura infantil, por exemplo, uma ouvinte perguntou se não era culpada pelas deficiências visuais do filho, por tê-lo habituado à leitura.

‘Elas por Elas’ foi uma experiência bem sucedida que provou que o rádio pode ser excelente instrumento para a libertação da mulher. Lembra-me das reivindicações de uma ouvinte de São Bernardo: ‘Não queremos programas que falem de roupas, maquiagem ou decoração’. E outra, dona-de-casa: ‘É lamentável que esse programa saia do ar. Aprendemos o que é dupla jornada de trabalho, sabemos que não somos culpadas de tudo, que não devemos renunciar e que devemos lutar para ser tratadas de igual para igual com os homens’.

MULHERIO